

## EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO -RACIAIS: DIALOGANDO SOBRE A “FOGUEIRA” E AS NARRAÇÕES DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Dryelle Patricia Silva e Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O corpo assume várias funções na vida do ser humano e nele estão contidos: história, identidade, afetividade, as marcas da sociedade. Com isso, podemos dizer que ele pode manifestar através dos gestos, vários símbolos interligados ao amor, ao respeito, aos valores culturais de um grupo, à coletividade e outros. Assim, no corpo está a identidade que é construída através das relações sociais, das experiências e das percepções adquiridas no espaço que o indivíduo está inserido. Deste modo, apresentamos o conto “A Fogueira” de Mia Couto, escritor Moçambicano, que apresenta no corpo de dois velhos a identidade Moçambicana e traz como temática a morte. No ambiente do conto, elementos da cultura dos velhos compõem o cenário da realidade social e dessa maneira apresenta as suas identidades. Assim, questionamos: no Ensino Fundamental podemos trabalhar com os contos Africanos? Como trabalhar a identidade, o corpo e a memória dos velhos apontados no conto a “Fogueira”? Utilizamos o conto como base para essa discussão e aprofundamos os argumentos trazendo as ideias de: TUAN, 2013; HALBWACHS, 2006; SILVA, 2000 e outros. Objetivamos discutir sobre os questionamentos citados, incluindo os conceitos sobre identidade, corpo e memória. Compreendemos diante desse trabalho que, o conto a “fogueira” apresenta características que precisam ser apresentadas aos alunos do Ensino Fundamental, mas para isso o professor precisa se apropriar desse e de outros contos africanos. Consideramos necessário o debate sobre a identidade, o corpo e a memória na Educação Básica, pois dessa maneira os alunos poderão entender as várias culturas.

**Palavras-chave:** Memória, Corpo, Identidade, Conto africano, Educação étnico -racial.

### INTRODUÇÃO

Este conto faz parte de uma coletânea de Mia Couto contém, dentre outros, os contos: “*Os pássaros de Deus*” e “*O dia que explodiu Mabata-bata*”. O título do livro é *Vozes anoitecidas*. Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, é moçambicano e tem origem portuguesa. Jornalista e poeta, possui uma linguagem peculiar capaz de criar palavras de significação precisa. Pode ser considerado um contador de histórias e é muito conhecido em Portugal.

“*A fogueira*” nos fala de vida e morte em um lugar ermo onde um casal de idosos sobrevive em condições precárias. A menção simbólica ao fogo reporta ao transcendente e à

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UEMA), Artes Visuais (UFMA), Mestra em Cultura e Sociedade (UFMA), Doutoranda em Educação (UFPI), professora Assistente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI);

destruição. Entender os meandros desta narrativa nos leva a pensar sobre a relação entre corpo e espaço na construção de identidades e na manutenção da memória. Neste sentido, podemos perguntar sobre a simbologia presente na imagem da fogueira presente no conto e de que forma ela está relacionada ao corpo, enquanto gerador de identidade e memória.

Neste conto, a simbologia da fogueira pode ter várias interpretações, interligadas a memória dos velhos na composição da sua identidade cultural africana. Assim, questionamos: no Ensino Fundamental podemos trabalhar com os contos Africanos? Como trabalhar a identidade, o corpo e a memória dos velhos apontados no conto a “Fogueira”? Objetivamos discutir sobre os questionamentos citados, incluindo os conceitos sobre identidade, corpo e memória. Para entrelaçar esses elementos, realizamos a leitura do conto e fundamentamos esse trabalho por meio das ideias de: Tuan, 2013; Halbwachs, 2006; Silva, 2000 e outros.

Destacando que, esse conto e outras literaturas africanas podem ser desenvolvidas na Educação Básica, pois através dos diversos gêneros textuais conseguimos compreender a cultura e a memória de um grupo. Estamos na luta constante para colocar no território escolar discussões que pautem sobre a literatura, história e cultura africana.

E reconhecemos que mesmo existindo as leis 10.639/2003 e 11. 645/2008, a escola é arraigada de preconceitos e situações conflituosas que são silenciadas. Nesse sentido, a base da transformação está na ação dos professores e da intervenção da gestão. Diante do exposto, um dos meios para desenvolver a consciência antirracista, enfrentando a perspectiva da branquitude é trabalhar com a literatura africana e trazer o protagonismo para os elementos da identidade, cultura, memória e corpo africano.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Relações étnico -raciais no Ensino Fundamental e a Literatura Africana: uma discussão necessária.**

Desenvolver discussões sobre a cultura africana na escola, desafia o professor a conhecer a literatura, a história, a memória e as identidades que permeiam esse contexto. Sabemos que, a realidade histórica dos povos africanos é atravessada pelo processo de colonizador de dores, sofrimentos e perdas e a literatura de maneira, em certas situações de maneira poética, ela conta e reconta os sentimentos, as opressões e as alegrias dos africanos.

A ação de ler os contos africanos no Ensino fundamental é essencial para mostrar aos alunos características culturais e desenvolver o respeito aos conhecimentos que são

desenvolvidos em outros grupos sociais, não participando do “Epistemicídio” colocado na voz de Santos (2009), como uma postura violenta que retira e extermina as vozes dos grupos que são subalternizados, mostrando apenas a fundamentação teórica e prática produzida, geralmente, pelos dominadores.

Algumas posturas precisam ser aniquiladas da prática e das vivências escolares, como: trabalhar elementos da cultura africana e afro-brasileira em datas comemorativas; realizar atividades isoladas sem contextualização histórica, dialogar minimamente sobre a literatura e a história africana e outros pontos. Nesse contexto, as pessoas que compõem a escola, precisam observar esse espaço enquanto território de disputa e conflitos, compreendendo a necessidade de não silenciar as vozes negras e finalizar com a naturalização do racismo.

Observando o cenário escolar e contemplando a formação do professor do Ensino Fundamental, podemos considerar a ausência de formação ou conhecimento sobre outras culturas e realidades sociais, mas o que fazer? Será que os docentes precisam seguir as regras dos dominantes, disseminando a história voltada para o embranquecimento? Compreendemos que não, os professores são, Giroux (1997), intelectuais transformadores. Pretendemos sentir uma escola pública resistente à opressão e aos casos de racismo, exclusão e determinismo social.

Conforme as ideias de Cavalleiro (2017), no discurso todos são iguais (trazendo a ideia da democracia), porém na prática não ocorre dessa maneira, pois as crianças negras são tratadas com descaso, colocando no eixo de importância outras narrativas. Os graus de superioridade e inferioridade necessitam ser rompidos das relações. Na concepção de Gomes (2003), existem as representatividades negativas sobre o negro, menosprezando o ser, a história e as identidades negras, assim essa questão requer que a escola elabore uma base ética, política e pedagógica para combatê-las.

O enfrentamento do racismo na escola começa no planejamento das ações escolares, escutando os alunos, os professores e a comunidade escolar, pois todos precisam ser resistentes e agir diante ações que possam ter o teor racista e excludente. Nesse viés, os professores, como agentes principais do combate contra o racismo, devem conhecer a lei 10.639/2003 e 11.645/2008 para desenvolver práticas e organizar ações que dialoguem sobre o racismo e as práticas de inclusão, cidadania e respeito.

Diante desses argumentos, apresentamos a literatura como um dos meios de interação com a cultura, memória e identidade africana. Destacamos os contos africanos, que mostram a

mistagogia, os hábitos, a história, e a organização social de uma ou mais comunidades africanas. Através dos contos africanos, as crianças passam a limpar as suas lentes para vê as diferenças culturais com respeito, se desnudando de posicionamentos opressões e excludentes.

Portanto, a escola como o território da diversidade, a democracia precisa fazer o seu papel de escutar com sensibilidade as vozes das crianças independente da sua cor, classe social ou etnia. Por meio dessa ideia, a literatura africana trabalhada com frequência no espaço escolar propiciará aos alunos uma visão crítica e questionadora das sociedades. Nessa trajetória de discussão, colocamos na roda o conto “A fogueira” de Mia Couto.

### **“A fogueira”: As lembranças e a identidade no corpo dos velhos.**

Apresentando o conto “*A fogueira*” ele é ambientado na África, tendo como personagens um casal de idosos abandonados à própria condição que, para nosso olhar, demonstram extrema penúria. É um ambiente que se desvela como um outro, estranho e quase inalcançável, não fosse pelo elemento existencial que nos mostra o encontro com as limitações e com a morte.

Mia Couto inicia o conto descrevendo as condições físicas da mulher, “A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato” (COUTO, 1987, p.23). A maneira que a velha está, sentada, demonstra a necessidade do seu corpo em descansar as suas articulações dos membros inferiores, que possivelmente estão desgastadas pelas experiências adquiridas com o tempo. Nesta passagem, frisamos o ato ou efeito de parar, afirmando a ideia do corpo que deseja ou precisa repousar.

Torna-se inteligível a posição da velha, quando continuamos a leitura do primeiro parágrafo, “As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados” (COUTO, 1987, p.23). O corpo da anciã, não apenas ocupa um lugar, a esteira, ou sente as dores e o cansaço da idade, mas consegue guardar nele os “tempos caminhados”, ou seja, a sua história, cultura e identidade está desenhada em na sua memória.

A memória da guerra e a ânsia de libertação da sua terra, Moçambique. Pois, no conto, o casal de velhos são vítimas da guerra em prol da independência de Moçambique, essa ação que desencadeou a dispersão dos povos pelo território africano. Assim, a identidade dos velhos estava sendo transformada pela situação de violência transmitida pela guerrilha.

E nesse contexto, restou a “fortuna” que compõem o espaço habitado e determinando o seu lugar, eles espalharam pelo chão as suas riquezas, eram: “tigelas, cestas, pilão” (COUTO,

1987, p.23). O geógrafo Yi-Fu Tuan considera que o espaço é mais abstrato que o lugar. Enquanto o espaço aponta para um conhecimento indiferenciado, o lugar surge quando temos uma vivência que gera significação. Essa significação torna-se possível pela experiência. Assim a ação de experienciar não é para o homem “uma sucessão de sensações distintas, mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência. (TUAN, 2013, p.19).

Esta perspectiva que privilegia os dados sensoriais aponta para uma valorização do corpo como elemento produtor de conhecimento e de significados na construção do lugar. Na relação entre constituição de significados e vivências corporais Tuan (2013, p. 49) observa o “homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais”. O corpo assume importância determinante na constituição do lugar caracterizado por suas vivências. O corpo é vivo, torna-se o elo do homem com o mundo da cultura e da história. Em outras palavras, ele é o terreno de forças, o lugar marcado pela memória coletiva.

Destacando que, qualquer espaço habitado e lugar conquistado pelo casal, à memória coletiva se fará presente em seus corpos, mas também, nos utensílios domésticos e os vários objetos que pode auxiliar na definição do lugar. Conforme os escritos de Halbwachs (2006, p.158) “[...] não se pode dizer que as coisas façam parte da sociedade. Contudo, móveis, enfeites, quadros, utensílios e bibelôs circulam dentro de um grupo, nele são apreciados”.

No caso dos velhos, a fartura está presente nas lembranças representadas pelo corpo (marcado pela memória histórica e coletiva) e nos objetos. No segundo parágrafo do conto, as tigelas, cestas e o pilão, são utensílios domésticos, que confirmam: a sua identidade coletiva e a memória plena, arraigada no sentido desses objetos, como na figura do pilão descrito no Dicionário dos Símbolos:

O pilão figura de diversas maneiras na iconografia hindu e com significados diferentes. Entre as mãos de Balarama, ele é associado ao arado, instrumento de dominação da terra; nas de Samskarsama, ele é um símbolo da morte; nas de Ghantakarma, possui um papel de discriminação –pois o pilão separa o grão de arroz da casca - ; Ghantakarma tem o atributo de afastar as doenças; ele é o destruidor da morte. (CHEVALIER; GHEERBRANT,2002, p.717).

Como citado, o pilão tem vários significados dentro dos grupos, assim observamos, nos costumes africanos, o pilão com um utensílio da cozinha, sendo que, algumas comunidades fazem uso dele com o propósito da cura, preparação de remédios. Assim, as tigelas e as cestas,

também utensílios domésticos da cultura africana e de outras culturas, apresentam as suas simbologias. As cestas também podem representar:

O corpo maternal: Moisés, Édipo etc. foram encontrados entregues à correnteza, em cestas. Cheia de lã ou de frutos, ela simboliza o gineceu e os trabalhos domésticos, bem como a fertilidade. Daí vem que sirva de atributo a numerosas deusas, como a Ártemis de Éfeso, cujas sacerdotisas usam um penteado em forma de cesta. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p.717).

Desta maneira, as representações desses objetos caracterizam a identidade dos velhos, e aquilo que, para alguns leitores, pode representar a pobreza do casal, para outros, serão objetos de grande valor, configurados como fortuna. Esse conto conduz os leitores para diferentes interpretações. Percebe-se a identificação dos velhos com os objetos. Como escreve Tomaz Tadeu da Silva:

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão significação. (SILVA, 2000, p.78).

Os seres humanos são movidos pela cultura do seu grupo e embasados pelos sistemas simbólicos, assim os personagens guardam no corpo, na mente, nas ações, na linguagem referências cultivadas da sua comunidade, está impregnado nos sentimentos e contribuindo para a construção da subjetividade dos homens. Conforme Woodward:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2000, p.55).

Lembramos que a memória estimula e afirma a sua identidade. Todos os costumes, hábitos, objetos, ritos e histórias apontam a sua origem. A identidade é construída constantemente e reflete aos outros a sua essência. Nos escritos de Silva:

[...] na construção da identidade, é necessária a preservação da memória coletiva dos vários grupos. A memória coletiva daqueles, cuja cultura não é dominante, será o agente catalisador da afirmação da identidade étnica. A busca desta identidade implica o cultivo das tradições culturais do grupo dominado e a releitura de sua história. A religião, os mitos, as lendas, a ideologia serão necessários a este processo de identificação cultural [...] (SILVA, 1995, p.37).

Desta maneira, os objetos, o modo de vida e a paisagem (mesmo não tão nítida no conto), são demonstradores da identidade africana dos velhos e das suas condições de vida. O

casal de velhos tinha sua fortuna e “em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho” (COUTO, 1987, p.23). Observa-se neste momento a carga poética da linguagem de Couto, onde a paisagem é um reflexo imediato dos personagens. O encontro com a morte se dá em meio à solidão.

E no ambiente o velho aparece moroso. Ele encontrava-se triste “desde que os seus filhos mais novos foram na *estrada sem regresso*” (COUTO, 1987, p.23). A guerra distanciou seus herdeiros, através da morte. Na expressão em destaque, Mia Couto emprega o eufemismo para proferir a morte dos filhos mais novos. Esses que, possivelmente foram assassinados na guerrilha.

A velha anseia pela proximidade com a vida. Possivelmente, ela aspira participar do desenvolvimento da relva (a vegetação) que crescerá por cima ou ao redor dela, talvez, essa será a estrutura de vida mais próxima do seu corpo quando estiver pisado pela terra. Também podemos refletir na possibilidade do corpo morto da senhora ser um elemento orgânico que poderá nutrir outra vida. Essa reflexão, da morte gerando a vida, torna-se um elo natural, podendo ser uma inclinação da formação de biólogo do escritor de Mia Couto.

As experiências vividas pelos velhos do conto e a sua situação biológica, social e psicológica remete ao corpo pensamentos que são refletidos através das suas ações e expressões corpóreas. O corpo interfere no outro e no espaço é o encabeçamento para compreensão da sociedade. Os atores sociais constroem em sua comunidade ou grupo social suas emoções, tradições, hábitos, costumes e mitos que envolvem a sua existência, assim, perpassam pelos seus corpos e instalam-se no espaço traduzindo os sujeitos.

Mesmo extenuado, o velho, estava “durante duas semanas dedicando-se ao buraco” (COUTO, 1987, p.25). Para estorvar o seu trabalho, “vieram as chuvas. A campã ficou de cheia de água, parecia um charco sem respeito” (COUTO, 1987, p.25). E continuou chovendo por vários dias. Mesmo nos dias chuvosos o velho estava disposto a terminar a atividade que estava desempenhando.

Porém, a chuva originou no corpo do ancião o fogo da febre. Na mente do velho ele estava quente, porque havia dormido perto da fogueira e a sua senhora questiona: “Qual fogueira?” (COUTO, 1987, p.26). Ela assustada indagou: “qual o fogo que o homem vira? Se nenhum não havia acendido?” (COUTO, 1987, p.26).

A cova extingue lentamente a força que resta ao homem idoso que, em dado momento, encontra-se “cheio de febre” (COUTO, 1987, p.26). Seria esta a fogueira? A fogueira seria a febre que consome aquele homem? A ideia da fogueira surpreende a mulher. Que fogueira seria essa? Seria um símbolo do aconchego buscado? Quase tão desejado quanto a cova? No Dicionário dos símbolos surgem interpretações sobre o fogo, como sendo divino e purificador:

O símbolo divino essencial do Madeísmo. A guarda do fogo sagrado é um costume que se estende da antiga Roma e Angkor. O símbolo do fogo purificador e regenerador desenvolve-se do Ocidente ao Japão. A liturgia católica do *fogo novo* é celebrado na noite de Páscoa... (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 440).

Em outras instâncias, o símbolo da aniquilação:

O aspecto destruidor do fogo implica também, evidentemente, um lado negativo; e o *domínio do fogo* é igualmente uma função diabólica. A propósito da forja, deve-se observar que seu fogo é a um só tempo celeste e subterrâneo, instrumento de demiurgo e de demônio... (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 441).

No Dicionário dos símbolos o fogo também é purificador e está presente em alguns ritos de passagem, conforme o exposto:

Os inumeráveis ritos de purificação pelo fogo – em geral, ritos de passagem – são característicos das culturas agrárias. Com efeito, simbolizam os incêndios dos campos... A purificação pelo fogo, portanto, é complementar à purificação pela água, tanto no plano microcômico (ritos iniciáticos), quanto no plano macrocômico (mitos alternados de Dilúvios e de Grandes Secas ou Incêndios). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p.441)

Na obra “*Fragmentos de uma poética do fogo*”, de Gaston Bachelard, o fogo pode representar um calor de reconciliação, que advém da memória, do que é impossível de ser esquecido. Porém, há o lado obscuro com suas complicações, aquele que não pode ser vivido na memória. Em suas palavras, “signo de uma intimidade reservada, o fogo do calor harmonioso, fogo inesquecível, mas também o fogo difícil de reviver, duplamente difícil de reviver, no vivido da memória, no vivido do imaginário”. (BACHELARD, 1990 p. 13).

Porém, o fogo invadia o corpo do velho e ele seguiu o seu destino, cavar a cova. Quando o ancião estava dentro da abertura, gritou a sua esposa para socorre- ló, pois as tonturas provenientes da febre estavam arrastando o seu corpo para morte. A velha assustada colocou o corpo doente do velho na esteira.

A velha ajudou o seu marido servindo-lhe uma xícara de chá e assim ele descansou. Após, a anciã sentou-se perto da porta e começou a perceber o crepúsculo vespertino e o aparecer das luzes lunares irradiando as árvores. Logo, a senhora adormeceu e sonhou que:



Vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os velhos a escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho. Pediu à noite que ficasse para demorar o sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos (COUTO, 1987, p.28).

As lembranças da velha sobrevivem apresentando o passado de maneira consciente. O seu sonho é a imagem da realidade, descrevendo o velho como contador de histórias, a presença dos seus filhos, a machamba (o campo cultivado, um terreno agrícola) fértil e todos os filhos e netos felizes na roda. Essa disposição das pessoas, em roda, remete a tradição africana, a maioria das danças, rituais e costumes, frequentemente, são configurados dessa maneira.

No sonho, a vida estava repleta de promessas e o ambiente demonstrava-se satisfatório e contagiante que a velha negava-se despertar. O passado existe “conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens – lembranças” (BOSI, 1994, p. 53). Nessa sequência de fenômenos psíquicos, a anciã demonstra a sua cultura e os hábitos anteriormente compartilhados com o seu grupo.

Porém, a memória oficial apresenta o velho africano, historicamente no processo de colonização, como um ser sem valia, que está em condições insatisfatórias para o trabalho ou um objeto gasto que trará despesas. Sendo preferível para os barões, a sua morte. Destacando que, a maioria dos africanos escravizados exalavam o último suspiro antes de contemplar a velhice. Mas, aqueles que conseguiam sobreviver às aflições, eram dependes dos seus senhores, pois encontravam-se desvinculados fisicamente do seu lugar, da sua pátria, enfraquecendo o seu cosmo. Porém, houve uma desmedida agregação de saberes e culturas, transformado a sua identidade. Mas com a lembrança em seus antepassados e em experiências vividas na sua terra de origem.

Se chegasse a ocorrer uma destruição, pode-se razoavelmente inferir que as pessoas se sentiriam completamente desmoralizadas, porque a destruição de seu povoado implica a ruína de seus cosmos. No entanto, isso não ocorre necessariamente. Os seres humanos têm grandes poderes de recuperação. As interpretações cósmicas podem ser ajustadas para estar de acordo com as novas circunstâncias. (TUAN, 2013 p.183)

No conto a velha, está sentindo a ausência dos tempos bons, visto que o seu presente configura-se no possível término, na destruição do seu cosmo como vítima da guerra. A idosa,

com esse sonho, recupera o seu lugar, as suas forças. Para memória o sonho é realidade, o presente e o passado estão vinculados. A velha “pediu à noite que ficasse para demorar o sonho” (COUTO, 1987, p. 28), pois almejava continuar sentindo aquela fogueira, interpretada como recomeço. Porém, todas as lenhas do velho haviam queimado e no seu corpo existia o frio da morte. A velha encontrou o seu companheiro longe “dessa fogueira que ninguém nunca acendera” (COUTO, 1987, p. 29).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu conto, “*A fogueira*”, Mia Couto apresenta o corpo dos velhos cansados e repletos de experiências conquistadas durante as suas trajetórias. A passagem do tempo é inabalável e eles demonstram essa sensação nos seus diálogos, sobre a morte. E dentre a temática da morte, a memória surge para recordar, no sonho da velha e apresentar a fogueira ou o fogo da vida e das tradições no imaginário do velho.

O trabalho do escritor nesse conto relevou o papel da memória na construção da identidade cultural do seu país, utilizando a imagem do velho. Também desenvolvemos a simbologia da fogueira, que pode ser: a vida, o aconchego, o recomeço para velha, a união entre os dois personagens, a tradição africana e a vida espiritual.

Consideramos que, no conto “*A fogueira*”, as relações e influências dos acontecimentos históricos na vida das personagens, pode conduzir o leitor a criar no seu imaginário as cenas e a vida dos Moçambicanos (os velhos) no desencadear da Guerra de Independência. Sentimos a identidade africana dos anciões em: seus objetos, na memória coletiva e na simbologia no entorno do fenômeno morte. Assim, por meio desse conto podemos perceber características culturais de outros grupos e comunidades. Nesse contexto, apresentar para os nossos alunos da Educação Básica, especificamente do Ensino Fundamental que o respeito, a valorização do ser humano e a cultura do outro precisa ser compreendida e conhecida para eximir das falas e posturas concepções preconceituosas.

Portanto, os contos africanos e outros gêneros literários são essenciais para formação dos discentes do Ensino Fundamental, pois esses recursos auxiliam na desconstrução do imaginário colonizador, que padroniza a história e o ensino no viés da europeização. Assim, os professores que lecionam nessa etapa são desafiados a compreender, estudar e reconfigurar posturas que possam ser preconceituosas e discriminadoras. Diante do exposto, a escola precisa lutar e resistir para realmente ensinar de maneira democrática e não racista.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Laíla Fleury de. Da **finitude e da esperança: um estudo sobre a velhice em Clarice Lispector e Mia Couto**. Ângulo, 121/122, abr./set., 2010.
- BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOAVENTURA, S. S; Meneses, M.P **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. Companhia das letras, São Paulo, 1994.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário dos símbolos. Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- COUTO, Mia. **A Fogueira**. In: Vozes Anoitecidas. Caminhos: Lisboa, 1987.
- GIROUX, Henry A. Professores como Intelectuais Transformadores. In: GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro. n.23, p.75-85. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2021.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. Centauro – São Paulo, 2006.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SLVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Vozes: Petrópolis, 2000.
- NASCIMENTO, Lidiane Alves e RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras**. Crítica Cultural, Palhoça, Santa Catarina, v. 6, n. 2, p. 453, 2011.
- RIBEIRO, Ludmila Costa. **A cosmovisão africana da morte: um estudo a partir do saber sagrado em Mia Couto**. Belo Horizonte, 2010. [Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais.
- SILVA, Nelson do Valle. **Uma nota sobre ‘raça social’ no Brasil**. Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-asiáticos, 26, 1995, p. 67-80.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SLVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Vozes: Petrópolis, 2000.



TUÂN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Vozes: Petrópolis, 2000